

Formas e interfaces do urbano: sentido do lugar na cidade pós-moderna¹

Urban forms and interfaces: place meaning in post-modern city

Julieta Leite | julietaleite@gmail.com

Doutoranda pela Université Paris Descartes, Sorbonne, e pesquisadora do Centre d'Études sur l'Actuel et le Quotidien (Ceaq). Mestre em Desenvolvimento Urbano pela Universidade Federal de Pernambuco.

Fabio La Rocca | fabio.larocca@ceaq-sorbonne.org

Doutor em Sociologia pela Université Paris Descartes, Sorbonne e Responsável pelo Groupe de Recherche sur l'Image en Sociologie (Gris)

Resumo

Este artigo tem como objetivo tentar identificar que novas qualidades do lugar são hoje reveladas. No momento atual, em que a arquitetura real, a rede virtual e novas práticas sociais parecem se fundir, precisamos elaborar novas configurações do lugar no território. Para tanto, partiremos de algumas acepções definidoras da essência do lugar e de exemplos recentes de práticas sociais do espaço e da arquitetura, analisados à luz dessas teorias e do ponto de vista das suas relações com as novas tecnologias de comunicação e informação.

Palavras-Chaves: arquitetura; novas tecnologias de comunicação e informação; rede virtual; práticas socioespaciais.

Abstract

This article aims to identify what new place qualities are revealed today. At the moment, where the real architecture, the virtual network and new social practices appear to merge, we need to develop new configurations of place in the territory. To this end, we begin from some acceptations that define the essence of the place and from recent examples of social practices of space and architecture, examined in light of these theories and from the point of view of its relations with new communication and information technologies.

Keywords: *architecture; new communication and information technologies; virtual network; socio-spatial.*

Introdução

As atuais relações travadas no espaço e seu simbolismo dão à cidade uma nova centralidade na cena pós-moderna, na qual os elementos e processos travados no espaço ganham outros valores. Observamos novas formas de construir e viver a cidade que passam, por exemplo, pela elaboração da arquitetura como pele simbólica, pelas práticas de reinterpretação dos lugares, e pela combinação das dinâmicas socioespaciais com as novas tecnologias de comunicação e de informação.

A cidade pós-moderna atravessa uma fase de transfiguração que, para ser posta em valor e dar um sentido à sua constante evolução, necessita, fazendo referência a Foucault, da elaboração de uma “ontologia da atualidade”. Saber ver para tentar compreender os diversos elementos que caracterizam a nova cena urbana do ponto de vista da materialidade da cidade física e da sensibilidade da experiência estética. Uma espécie de equilíbrio entre *cityscape* e *min-dscape* designa a forma atual da cidade, entre o banal do espaço construído e o particular do imaginário urbano.

A cidade contemporânea, complexa e multifacetada, constrói-se através de lugares diversos, cujo caráter é determinado tanto pela qualidade da sua estrutura físico-espacial quanto pela experiência subjetiva que ele proporciona. As formas de apropriações dos espaços também são outros fatores que refletem na imagem do lugar, atualmente, incluem as práticas de consumo e, de maneira efêmera, das tribos urbanas. Como exemplos, citamos as apropriações de caráter subversivo das pichações; de caráter histórico-cultural; na delimitação de ilhas de centro histórico; étnico-cultural nos guetos; ou socioeconômicas nos condomínios residenciais e shopping centers. Esses dois últimos exemplos caracterizam ilhas urbanas da pós-modernidade segundo Ricardo Freitas (1996), ou super-lugares (AAVV, 2007), como novas modalidades de concepção arquitetônica do espaço e de formas-simbólicas da cidade-comunicação ou, usando a expressão de Massimo Canevaci (1993), cidade polifônica.

A difusão das tecnologias de informação e comunicação no cotidiano social também veio a contribuir com esse processo de redefinição dos lugares. O uso das tecnologias digitais sob forma de aparelhos portáteis e ambientes conectados vem a se combinar com as práticas cada vez mais numerosas de deslocamentos na cidade. Constrói-se assim a imagem de um espaço descontínuo e fragmentado, que nos leva a repensar os territórios e a importância dos espaços de conexão. Segundo Bruno Marzloff (1996), se o território perde em continuidade geográfica, a cidade reencontra sua unidade através das redes de deslocamentos e de telecomunicações.

Novos programas e edificações são elaborados para corresponder às dinâmicas das multidões móveis e inteligentes: trata-se de estações de serviços (*select, outlet*), gares, aeroportos, centros comerciais, hipermercados, hotéis. Esteticamente, essas edificações apresentam as mais diversas expressões

segundo seus volumes e fachadas e pontuam o território enquanto novas formas arquiteturais particulares e como rede, pois passam a fazer parte de uma conexão de espaços que servem aos agrupamentos sociais efêmeros e cada vez mais numerosos. Dentro dessa rede de práticas e de espaços interconectados, os lugares são, assim, redefinidos.

Segundo Marc Augé (1992), os exemplos que acabamos de apresentar correspondem a espaços individualizados e estritamente funcionais, ou seja, a “não-lugares”. Sua principal particularidade é servirem principalmente de passagem e/ou de consumação cultural, tomando a cidade sob forma de espetáculo ou museu. Segundo Augé, essas novas práticas e espaços contemporâneos empobrecem a experiência da cidade por meio da experiência do vagar desprezioso, da apreensão visual, do encontro, do imprevisto e mesmo da descoberta do *gênio do lugar*. Ao constatar a perda de “lugares antropológicos”, Augé estaria provavelmente se referindo ao possível desaparecimento de uma “atmosfera local” que serve de traço unificador do social ao espacial. No entanto, o pensamento de Pierre Sansot (1996) nos mostra que de dentro de uma apreensão poética podemos ainda apreender em sensibilidade certos lugares da cidade contemporânea.

Para o arquiteto Christian Norberg-Schulz (1996), dizer que um espaço é desprovido de caractere significa que sua atmosfera particular não é reconhecida. No entanto, a interpretação que faz o arquiteto em torno do *genius loci* é que “cada época revela certas qualidades do lugar e sombreia outras” (Op. cit, p. 56). Nossa intenção aqui é de tentar identificar que novas qualidades do lugar são hoje reveladas. No momento atual, em que a arquitetura real, a rede virtual e novas práticas sociais parecem se fundir, precisamos elaborar novas configurações do lugar no território. Para tanto, partiremos de algumas acepções definidoras da essência do lugar e de exemplos recentes de práticas sociais do espaço e da arquitetura, analisados à luz dessas teorias e do ponto de vista das suas relações com as novas tecnologias de comunicação e informação.

LUGAR

De maneira geral, os espaços definem-se como lugares por meio da perspectiva singular da experiência do ambiente físico. Além disso, os lugares são espaços que têm capacidade de simbolização e possuem uma “aura de identidade”. Desse modo, normalmente eles são definidos por uma história social, cultural ou política, associados a um espaço determinado, seja geometricamente, seja por seus elementos físicos.

Para o geógrafo Yi-fu Tuan (1997), o lugar é identificado pela experiência sensível e estética. Sua percepção compreende, num primeiro momento, a sensibilidade por meio dos sentidos – cheiro, gosto, toque, percepção visual – e num segundo momento a concepção e simbolização, ou seja, uma construção mental. Desse modo, a experiência do lugar corresponde tanto às emoções que

suscitam o espaço quanto às suas qualidades espaciais e ao seu entendimento. Dentro desse processo, destaca-se a experiência visual.

A imagem do espaço é uma construção mental que associa os elementos concretos à experiência subjetiva, o que inclui a experiência sensitiva e a memória. Enquanto combinação de espaço construído e espaço vivido, os lugares adquirem sentidos e imprimem significado ao grupo que o habita. Essa relação nos permite pensar o espaço voltado para a ideia de existência, o lugar como sinônimo de “estar no mundo”, fazendo uso aqui do princípio formulado por Augustin Berque (2000): “o ser humano é um ser geográfico”.

A construção dos lugares se dá pela experiência subjetiva, mas é principalmente pela apropriação coletiva que eles são reconhecidos. Segundo Maffesoli (1990), a cidade caracterizada por ser um espaço sensível, essencialmente relacional, onde circulam as emoções, os afetos e os símbolos partilhados coletivamente. As emoções da vida social ou da vida espiritual se associam intimamente às dimensões do espaço vivido, pois constituem “um fio vermelho que delimita o ‘gene do lugar’ (*genius loci*) [...]”. A inscrição espacial é uma verdadeira memória coletiva” (Op.cit. p. 210) e o lugar é considerado como um “vetor do estar junto social”.

06

No que se refere ao *genius loci*, Maffesoli destaca que é a atmosfera do lugar, dada pela sua vivência emocional, que os transforma em lugares conhecidos. É desse ponto de vista que Maffesoli vê delimitados os lugares: a partir das práticas e apropriações das “comunidades estéticas”, mesmo que momentaneamente. Uma vez delimitados, esses lugares tornam-se emblemáticos da cidade e para as comunidades, pois servem de fonte para a banalidade da vida cotidiana e aos momentos de identificação, de encontro, de contato direto com o próximo e no presente.

O TERRENO DA INFORMAÇÃO AMBIENTE

As diferentes figurações do lugar definem um processo complexo que, segundo Norberg-Schulz, “não pode ser reduzido a um comportamento motor, uma impressão sensorial, uma experiência emocional ou uma compreensão lógica, ele abarca todas essas dimensões” (Op.cit. p. 59). Se considerarmos as dinâmicas socioespaciais contemporâneas “pertencemos com certeza a um dado lugar, mas nunca de maneira definitiva” (MAFFESOLI, 1990, p. 217).

Depois de apresentados brevemente alguns dos elementos que imprimem o caráter do lugar, observaremos agora como as estruturas espaciais informativas espalhadas na cidade contribuem com a redefinição desse caráter nos dias de hoje. Observamos hoje a formação de novos espaços caracterizados por uma *informação ambiente*, ou “ubimedia”, segundo Greenfield (2006), presente tanto nas estruturas comunicantes como painéis digitais, fachadas eletrônicas, estações de conexão e terminais de serviços digitais; quanto nos novos objetos cotidianos como o telefone celular, o GPS, o computador de

bolso ou PDA; e, invisivelmente, nos territórios servidos pela conexão sem fio - Wi-Fi ou Bluetooth. Tal infiltração tecnológica afeta de maneira considerável as superfícies arquitetônicas, concebidas como novas interfaces que formam na cidade uma espécie de novas estruturas em arquipélago ou novas plataformas. A arquitetura transforma-se em *link*, constituindo assim *hubs* diversos, metáfora tecnológica das megaestruturas de conexão no espaço urbano, cujo conjunto da origem a uma “*Urbis digital*”.

Analisemos os exemplos dos espaços de conexão sem fio, dos tags e do GPS:

Wi-Fi - A conexão com uma rede local sem fio, conhecida com Wi-Fi (*wireless fidelity*), permite conectar computadores portáteis e outros objetos “comunicantes” à uma rede em banda larga, dentro de um raio de normalmente 20 a 50 metros de distância. Esse tipo de conexão é oferecido em zonas de grande concentração de usuários, como edifícios de escritórios, gares, aeroportos, hotéis e, atualmente, em praças, parques e jardins. No caso dos espaços públicos, a estação de conexão (ou *hotspot*), ao definir superfícies de acesso à internet, caracteriza novas formas de apropriação e delimitação do espaço. A proliferação do Wi-Fi configura uma “ambiência tecnológica”, que se acrescenta à atmosfera do lugar e define um sinônimo de “ser conectado” como condição *sine qua non* de existência. Influencia assim as experiências subjetivas, dentro da uma fusão do ciberespaço à cidade.

Tag - Os tags funcionam como códigos de barra localizados sobre superfícies arquitetônicas ou no espaço urbano. Seu sistema de codificação em alta densidade permite representar uma quantidade importante de informações sob forma de imagem reduzida. O acesso às informações é feito por meio do telefone celular, que direciona o código do tag – via texto/sms ou imagem/foto – a uma página na web. Os tags podem assim alimentar a comunicação entre os passantes e o lugar ao mesmo tempo em que se tornam um elemento decorativo próprio à arquitetura pós-moderna. “Um símbolo antes da forma” ligado à concepção da “ambiguidade na arquitetura” de Venturi (1999), que faz do código visual uma expressão do pós-modernismo na arquitetura, uma celebração pop desse elemento como fonte de variedade que acentua a riqueza da significação.

GPS - O GPS é um sistema que indica uma posição sobre a superfície da terra com a ajuda de um aparelho que recebe as coordenadas de latitude e longitude por satélite. Sua aplicação mais comum se observa nos automóveis, onde o GPS serve para a orientação do condutor que, ao comunicar ao sistema o endereço do destino desejado, recebe em tempo real as indicações do trajeto a realizar. Experiências recentes apresentam o GPS adaptado à escala do pedestre, sugerindo itinerários, informando acessos, pontos de interesse, fotos das edificações, entre outros detalhes. No entanto, esse objeto “nômade” pode condicionar nossa experiência espacial e destruir o gosto de se perder no

espaço, próprio à deriva situacionista ou ainda à aventura da *flânerie* exaltada por Benjamin e Baudelaire. Por outro lado, o sucesso do uso do GPS responde às necessidades de conforto tecnológico próprio ao indivíduo pós-moderno. Tal novo modo de ler, se orientar e percorrer a cidade traria provavelmente novas diretrizes e considerações para as análises de Kevin Lynch, em *A imagem da cidade* (1971), onde o tema da legibilidade espacial é abordado por meio de pontos de orientação que ajudam a construir mapas mentais na cidade.

ARQUITETURA DOS SUPER-LUGARES

Observemos agora outra forma de experiência urbana que inclui novas práticas socioespaciais, mas principalmente novas estruturas da cidade. Uma denominação que nós propomos dar a tais formas de construção na cidade contemporânea seria de superlugares, como uma acentuação dos “não-lugares” propostos por Augé. A caracterização de tais tipologias está vinculada ao prefixo “super” que indica o excessivo, extraordinário, excepcional. Nestas categorias classificaríamos os centros especializados, os *fashion districts*, os *outlets* da moda, os novos programas e arquiteturas dos centros comerciais, os espaços férreos e aeroportos que mudam consideravelmente sua natureza arquitetural e seus modos de apropriação pelas “multidões”, tribos urbanas e indivíduos nômades, formas coletivas da pós-modernidade. Trata-se de lugares dedicados à consumação, à diversão, ao turismo e à viagem, que se tornam os ícones do nosso tempo. Essas estruturas apresentam uma centralidade multifuncional e plurisensorial da sua geografia e, dentro de uma preocupação arquitetônica, buscam transformar a fisionomia do território urbano, criando novos espaços, vividos e contemplados.

A passagem do não-lugar ao superlugar faz-se em relação à transformação de escala e do território dominado pelos espaços multifuncionais. Trata-se assim não apenas de uma alteração da terminologia, mas, sobretudo, da “essência” do lugar e da evolução de sua natureza. Tais megaestruturas de massa marcam o território e orientam os estilos e comportamentos estéticos dos indivíduos. Basta imaginar, por exemplo, a implantação do “império” Ikea com sua arquitetura de caixa colorida que dão origem a uma “ikea-atitude” que influenciam os modos de viver e de habitar; os cinemas multiplex que oferecem uma diversidade de serviços; ou os aeroportos construídos para acolher vôos *low cost* do tipo Ryanair que transformam a geografia urbana ao preencher e conectar antigas zonas vazias do perímetro suburbano.

Os superlugares, com sua arquitetura imponente massificam os espaços e criam “cidades” dentro da cidade com suas particularidades, como a cidadela da moda, a cidade eletrônica, do design etc. Tais plataformas são representativas da tendência atual de transformação sensível e de generalização do espaço. Suas especificidades arquitetônicas se caracterizam em certos casos pela reprodução de estilos e elementos de maneira pictórica, como a cidade medieval,

os muros da Roma Antiga, ou as colunas gregas. Protótipos desse gênero são vistos nos *outlets* da moda das conurbações geográficas da periferia de Florença ou Roma, no Etnapolis em Catane, sinônimo do conceito de *bigness* de Rem Koolhaas; ou em zonas de urbanização recente, como na fronteira da Paris “intramuros” com o centro comercial Bercy2, realizado por Renzo Piano. Esses exemplos diversos indicam o sintoma de uma arquitetura como abrigo de esquemas funcionais repetidos e em série, que podemos identificar nas características descritas por Venturi em “Learning from Las Vegas” (1977).

Tais exemplos associados às recentes formas de construção socioespaciais indicam o desenvolvimento de espécies de templos ou santuários onde se manifestam formas de religiosidade comunitária, segundo Maffesoli, entre a mistificação da consumação e a comunhão de emoções, dimensões do nomadismo e da *flânerie* pós-moderna.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao o fazermos referência aos não-lugares de Augé, observamos que eles assumem hoje um novo caractere: é a substância que muda e se nós prefiguramos sua transformação em superlugares, é em relação a codificação de um papel social e à amplificação da funcionalidade. Os superlugares começam a adquirir uma “história” e deixam de ser apenas lugares transitórios, de passagem. Eles passam a constituir uma prática vivida com intensidade e duração no tempo, o que exprime as vagabundagens pós-modernas e o inconsciente coletivo nesses territórios flutuantes caracterizados por Maffesoli (1999).

Os exemplos de combinação das novas tipologias arquiteturais e as dinâmicas sociais com as tecnologias digitais demonstram de que modo têm se alterado a sensibilidade do espaço e as relações de pertencimento e alteridade que construímos neles e a partir deles. A acepção da cidade contemporânea via as novas tecnologias digitais assume a forma de um rizoma. A de informação e de comunicação são acrescidas às infraestruturas urbanas cotidianas, modificando suas ramificações e, de certa maneira, enriquecendo as dimensões sensoriais do espaço. Tal potência tecnológica “re-encanta” a cidade e alimenta a transfiguração do imaginário de um Atlas de geometria variável.

As novas formas de práticas socioespaciais apoiadas na informação e na comunicação, ao tomar como conteúdo um instante, um objeto ou um determinado espaço, podem proporcionar um retorno à experiência do interativo, do tátil, e mesmo à apreensão sensível do lugar. O uso de tecnologias digitais pode também contribuir para a caracterização das novas arquiteturas e resignificação dos espaços, permitindo ampliar a atualização e reativação de experiências e recordações que nutrem o imaginário.

Nossa comunicação pretendeu por fim analisar a cidade contemporânea aprofundando questões em torno de dois processos recentes e interconectados: a re-interpretação dos lugares e sua componente arquitetônica simbólica e a

conjunção da informação e da comunicação digitais ao espaço urbano. Por meio de exemplos de práticas de interação entre o meio digital e o espaço urbano ilustramos as considerações teóricas sobre novas formas de apreensão subjetiva e apropriações coletivas na cidade contemporânea, no que se refere ao espaço e à arquitetura como experiência sensível nos dias de hoje. Os aspectos aqui abordados representam, no fundo, uma maneira de “dizer” a cidade contemporânea, de dar uma visão e de revelar, assim, características pertinentes em sintonia com a ambiência pós-moderna para sensibilizar o pensamento, tendo sempre um olhar atento sobre o cotidiano, sobre o que é e como se vive, no presente, a vitalidade urbana.

NOTAS

¹ Trabalho apresentado no Fórum Temático IX Terreno e Arquitetura, uma simbiose entre o ser e o mundo, evento componente do XV Ciclo de Estudos sobre o Imaginário - Congresso Internacional, outubro de 2008, Recife - PE.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AAVV, *La civiltà dei superluoghi. Notizie dalla metropoli quotidiana*, Bologna: Damiani, 2007.
- AUGÉ, Marc. *Non-Lieux: Introduction à une anthropologie de la surmodernité*. Paris: Seuil, 1992.
- BERQUE, A. *Médiance, de milieux en paysage*, Paris: Belin, 1990.
- BERQUE, A. *Écoumène. Introduction à l'étude des milieux humains*, Paris: Belin, 2000.
- CANEVACCI, Massimo. *A Cidade Polifônica*. São Paulo: Nobel, 1993.
- FREITAS, Ricardo Ferreira. Shopping centers: espaços type d'un loisir transnational. In:MAFFESOLI, Michel ; DURAND, Gilbert (org.). *Cahiers de L'imaginaire*. v. 13, p. 95-103. Paris:L'Harmattan, 1996.
- GREENFIELD, Adam. *Every[ware]*. La révolution de l'ubimedia, France: FYP, 2007
- LYNCH, Kevin. *L'imge de la cité*. Paris: Dunod, 1999.
- MARZLOFF, Bruno; BELLANGER, François. *Transit: Les lieux et les temps de la mobilité*. Paris: L'Aube, 1996.
- MAFFESOLI, Michel. *Au creux des apparences. Pour une étique de l'esthétique*. Paris, Plon, 1990.
- _____. *La Conquête du présent, sociologie de la vie quotidienne*. Paris: Desclée de Brouwer, 1999.
- _____. *Notes sur la postmodernité: Le lieu fait lien*. Paris: Félin, 2003.
- NORBERG-SCHULZ, Christian . *L'art du lieu: Architecture et paysage, permanence et mutations*. Paris: Ed. Le Moniteur, 1997.
- SANSOT, Pierre. *Poétique de la vile*. Paris: Payot, 2004.
- TUAN, Yi-fu. *Space and Place: The perspective of experience*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1977.
- VENTURI, Robert. *De l'ambiguïté en architecture*, Paris: Dunod, 1999.
- _____.; Scott-Brown, Izenour. *L'enseignement de Las Vegas*.Paris: Mardaga, 2007.